

DE PERSEGUIDOS EM NOME DA FÉ A IMIGRANTES

Marcos Anderson Tedesco¹

RESUMO

O artigo faz um estudo de caso acerca da migração de uma família de letos para uma região no norte do Estado de Santa Catarina, Brasil. Motivados pela perseguição religiosa que sofriam no Império Russo, estas pessoas pertencentes à Igreja Batista, viveram uma história de fuga e o enfrentamento de muitas dificuldades para construir uma nova vida na América. Já em terras catarinenses, o patriarca da família, Pedro Graudin foi expulso da igreja a que pertencia por ter recebido em 1909 a evidência da glossolalia e dom de profetizar passando a realizar os cultos em sua própria casa até conhecer pessoas da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, já na década de 30, passando a fazer parte desta denominação.

Palavras-chave: Imigração, memória, perseguição religiosa, mecanismos de resistência, pentecostalismo em Santa Catarina.

¹ O autor é Bacharel e Licenciado em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina e coordenador do Colégio Evangélico Pastor Manoel Germano de Miranda em Joinville/SC.

INTRODUÇÃO

Em meados de 1900 da era cristã, famílias inteiras, saídas da Letônia, empunhando a bandeira da fé e da liberdade, se lançaram em busca de uma terra desconhecida. Para trás, deixaram sonhos e realizações de uma vida inteira. Naquele momento, dúvidas e certezas se espremiavam em busca de um mesmo objetivo: viver em paz. Porém, puderam contemplar à sua frente tesouros almejados por todos os mortais. A esperança de uma liberdade vindoura misturava-se à plácida alegria de confessar publicamente a sua devoção a Deus. Então, a dúvida transformou-se em certeza, e aqui chegaram!

Mas quem eram eles?

1 A VINDA PARA O BRASIL

“Eles fizeram isto em nome da fé e da liberdade!”

(Johanes Hergenvoether)²

Inicialmente é preciso entender de quais pessoas estamos falando. Habitantes de uma importante região no Leste Europeu, os letões, durante séculos, viram-se submetidos ao poderio de outros povos. Em 1710 têm início à dominação russa que se estendeu até pouco mais de dez anos atrás com o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Somente usufruíram uma restrita independência entre os anos de 1918 e 1945, quando a então União Soviética conquistou a Letônia das mãos dos alemães du-

² Johanes Hergenvoether em entrevista concedida ao jornalista Darci Debona e publicada no Jornal Diário Catarinense de 04 de fevereiro de 2001. Na referida entrevista, Johanes refere-se a um episódio semelhante ao enfocado neste artigo, porém ocorrido alguns anos mais tarde e em outro contexto.

rante a Segunda Guerra Mundial.³ É exatamente por este motivo que em muitos momentos a história da Letônia se confunde com a da própria Rússia, desta forma se vê, em vários períodos, os habitantes da região correspondente a atual Letônia submissos às ordens dos czares.

A expansão russa submeteu, nos dois últimos séculos, diversos povos no ocidente. Entre eles, encontramos os poloneses, os ucranianos, os bielo-russos, os letões, os estonianos, os lituanos e os finlandeses. Reis observa, nesta expansão, a combinação de objetivos políticos e estratégicos com a necessidade de encontrar mercados favoráveis às demandas russas. As demandas dizem respeito à procura de mercados favoráveis para a aplicação de capital e venda de produtos. Podemos até afirmar que o expansionismo russo foi uma condição para a existência do Estado Czarista. Chegou-se a ponto de, no início do século XX, 57 % da população do Império Russo ser formada por povos dominados.⁴

Uma particularidade importante no início do século XIX diz respeito a como os russos tratavam os povos dominados. Nota-se um profundo desprezo pela língua destes povos, suas manifestações culturais e suas tradições. Conforme afirma Reis, havia, por parte dos Czares, o interesse de impor a toda a Rússia uma só língua, sendo que esta imposição abraçava o uso de todas as armas que julgassem necessário, inclusive a violência.

³ A Letônia tornou-se independente em 18 de novembro de 1918. Usufruiu esta independência até 1940 ao ser invadida pela União Soviética. De 1941 até 1944 a região é então dominada pelas forças da Alemanha Nazista. Em 1945, com a derrota dos alemães, a Letônia passa a pertencer novamente a União Soviética quando sofre uma nova campanha de russificação soviética e a implantação do socialismo. Somente em 1991, a 21 de agosto, a Letônia conseguiu proclamar sua independência em relação à União Soviética após uma série de movimentos nacionalistas. Em 1994 saíram da Letônia os últimos soldados russos. (CD ROM. *Almanaque Abril*, 1997).

⁴ REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução russa. 1917-1921*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

O mesmo pode ser observado com relação à religião. A Igreja Ortodoxa Russa⁵ simplesmente tentou esmagar as demais religiões como o Judaísmo, o Catolicismo Romano, o Islamismo e o Protestantismo.⁶ Qualquer prática religiosa, sendo estranha a praticada pela ortodoxia cristã russa, era fortemente reprimida pelo Estado, e, Santos realça a grande perseguição contra as diversas igrejas que estavam no Império Russo no século XIX e que eram estranhas à Igreja Ortodoxa e como isto forçou muitas famílias a fugirem do país.⁷ Neste momento começou a ser comum a transferência de pessoas que resistiam a estas imposições para prisões russas. Knight e Anglin afirmam que milhares de perseguidos religiosos foram mandados a Sibéria, onde, aprisionados, morreram de frio, fome e brutalidades.⁸

Em 1881, toma posse o Czar Alexandre III. É então aplicada uma política de russificação das outras nacionalidades subjugadas pelos russos, uma política que já vinha sendo empregada desde o início do século. A única língua aceita oficialmente passara a ser o russo. Segundo escreve Reis, a educação formal, a justiça pública, as artes como o teatro e a literatura, somente poderiam ser expressos na língua pertencente ao país dominador.⁹ Além disso, o acesso aos melhores empregos e ao funciona-

⁵ A Rússia torna-se cristã no século X, com a chegada da Igreja Ortodoxa Grega. Todos passam nominalmente a pertencer a esta igreja. KNIGHT, A. E.; ANGLIN W. **História do cristianismo**. Rio de Janeiro: CPAD, 1983.

⁶ Quando falamos em Protestantes, podemos situar aí diversas denominações religiosas como, por exemplo, os Luteranos, os Batistas e os Studnistas.

⁷ SANTOS, Ismael dos. **Raízes de nossa fé**. Blumenau: Letra Viva, 1996.

⁸ KNIGHT, A. E.; ANGLIN, W. **História do cristianismo**. Rio de Janeiro: CPAD, 1983.

⁹ Muitos escritores, sofrendo as pressões das pesadas imposições russas para com a literatura, tentaram de diversas formas resistir as ordens czaristas. Um exemplo é o escritor polonês Adam Mickiewicz (1798-1855). Ele expressava-se com um “extremismo magnífico” animado por um forte sentimento patriótico, em oposição à dominação russa, que o levou a participar de numerosas atividades políticas que o comprometeram e o levou ao cativeiro durante alguns meses, e após, a deportação para uma prisão na Rússia. CASTILLO, Guido. *Épica e Lírica românticas: Mickiewicz*. In: **Deutsche Grammophon Collection**. Altaya: Espanha, 2000. p. 90-91.

lismo público era permitido somente aos russos. Às pessoas pertencentes às outras nacionalidades eram reservadas, nas cidades industriais, as atividades mais degradantes e penosas que, a princípio, não poderiam ser realizadas por um russo.¹⁰

Como se isso já não bastasse, o Estado passa também a incentivar a criação de colônias de russos nas regiões do império correspondentes a outros povos. Isso, por fim, acabou resultando na expulsão destas pessoas das melhores terras, o que num segundo momento, acabou por trazer problemas de ordem econômica, piorando ainda mais a situação caótica em que se encontravam os povos dominados do império.¹¹

Toda esta opressão exercida sobre os povos que eram dominados pelos russos recebia a cobertura de uma ideologia nacionalista grã-russa.¹² Os russos, logo, se consideravam os únicos e legítimos defensores da fé cristã em um mundo cada vez mais imerso no paganismo. Nas palavras de Reis, ... *se consideravam a última trincheira da fé cristã (...)* !¹³

Seguindo por este caminho, podemos concluir que a ideologia e a repressão se combinaram na manutenção da ordem no Estado Czarista e sua dominação. De um lado a ideologia tinha o papel de legitimar a dominação e, de outro, a repressão tratava de aniquilar os descontentes com o pré-estabelecido ou pretendido.¹⁴ Em 1884, vários povos dominados pelos russos começaram a ser vítimas do projeto nacionalista, provocando o descontentamento com as imposições do Império Russo e dos Czares.

De acordo com Knight e Anglin, a situação tornou-se ainda mais caótica para os não-russos com a posse de Nicolau II, em 1894.¹⁵ Segundo

¹⁰ REIS FILHO, 1983.

¹¹ REIS FILHO, 1983.

¹² Esta ideologia nacionalista grã-russa estava firmada na suposta superioridade “natural” do povo russo instituída divinamente.

¹³ REIS FILHO, 1983, p. 20.

¹⁴ REIS FILHO, 1983.

¹⁵ KNIGHT, A. E.; ANGLIN, W., 1983.

González,¹⁶ Nicolau II havia sido educado na tradição eslavófila que reprimia as nacionalidades que não eram russas do império, e neste grupo entram, entre tantos outros povos, os finlandeses, os letões, os poloneses. A tradição eslavófila defendia a superioridade dos russos. Talvez por este ponto de vista, justifique a perseguição empreendida contra estes outros grupos.

Além disso, era atribuído ao Czar um poder singular, assegurado por sua condição semidivina. Com todos estes poderes, o Czar via-se livre para dominar a sociedade sem dar ouvidos a estas pessoas. Ferro faz a seguinte referência, em sua obra: “*Não lhe (o povo) restava outra saída senão contemplar o poder, adorando-o ou odiando-o*”.¹⁷ Nesta sociedade só o Czar decidia. E se ele quis impor a todo o Império Russo uma só língua e uma só fê, assim foi feito, ou melhor, tentou fazer, pois, havia resistências, entre elas, as religiosas.

Um evento que vale a pena ser lembrado, para melhor compreendermos os traços deste Czar, diz respeito ao conhecido “Domingo Sangrento”. Embora não tenha relação direta com este estudo, é de grande valor, pois no revela os limites de um homem que ordenou o fogo sobre o seu próprio povo! Após sucessivas derrotas na Guerra Russo-japonesa, a situação interna russa ficara caótica com as greves de Petrogrado. Algo em torno de 250 mil operários participavam destes movimentos em 1905. Num domingo, no dia 09 de janeiro, quando os manifestantes se dirigiam em direção ao Palácio de Inverno dirigidos pelo padre Gapon, reivindicando melhores condições de vida para a população, foram recebidos pelas tropas czaristas com descargas de fuzis! E sob as ordens de Nicolau II aproximadamente mil pessoas vieram ao chão.¹⁸

¹⁶ GONZÁLEZ, Horácio. **A revolução russa**. São Paulo: Moderna, 1986.

¹⁷ FERRO, Marc. **A revolução russa**. São Paulo: Perspectiva, 1988. p. 13.

¹⁸ FERRO, 1988, p. 13.

Mas não devemos nos deixar levar pela amarga ilusão de que esta situação era passivamente contemplada pelo povo! Todo o século XIX foi palco de tentativas de contestação do poder dos czares, por parte de diversos seguimentos da sociedade. Tentava-se a todo custo impor uma nova ordem política, social e econômica. Desta forma a instabilidade despertava a necessidade do Czar traçar estratégias para poder então dominar os ânimos revolucionários e a insatisfação popular.¹⁹

Sendo assim, aos não russos restavam poucas alternativas. Muitos foram os que resolveram fugir de sua terra de origem em busca de liberdade. Foram herdeiros da amarga saudade.²⁰ Aos que ficaram, restava a certeza de que a sombra do czarismo os atormentaria muito mais. Era uma batalha que, qualquer que fosse o resultado, deixaria certamente um rastro de derrota.

Na segunda metade do século XIX, as pessoas que se colocavam em fuga do Império Russo puderam vislumbrar algo novo. Era a época das grandes migrações, que tinham como principal objetivo, do ponto de vista do local de atração, trazer imigrantes europeus para o solo americano. Segundo Klein, muitas pessoas viram na América um lugar onde se refugiar das perseguições por causa de questões nacionalistas ou por possuírem credos religiosos minoritários que eram sufocados pela religiosidade dominante.²¹

¹⁹ DEUTSCHER, Isaac. **A revolução inacabada: Rússia 1917-1967**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

²⁰ Um caso interessante é o do pianista, maestro e compositor polonês Fryderyk Franciszek Chopin. Aos 20 anos saiu de sua terra natal a fim de apresentar-se em diversas cidades européias, porém, por não aceitar a dominação russa em seu país, foi pelo governo russo proibido de retornar. Morreu muitos anos depois ainda no exílio. (**Deutsche Grammophon Collection**. Altaya: Espanha, 2000. p. 85-94).

²¹ KLEIN, Herbert S. Migração Internacional na História das Américas. In: FAUSTO, Boris (Org.). **Fazer a América**. São Paulo: Edusp, 1999.

Herbert Klein nos ajuda a entender as condições que enfim propiciam as migrações ao afirmar que é importante ter conhecimento do peso dos fatores de expulsão, ou de atração, e também como estes fatores se equilibram. Segundo suas próprias palavras: “A migração não começa até que as pessoas descobrem que não conseguiriam sobreviver com seus meios tradicionais em suas comunidades de origem”.²² Vislumbra-se então a necessidade de compreender o contexto de onde os migrantes provinham e também buscar que motivos deram, ao lugar de destino, os traços que os atraíram.

Segundo Klein, é preciso pautar alguns agentes, além dos já abordados neste capítulo, que puderam se transformar em fatores de expulsão dos imigrantes de suas terras de origem. Estes fatores de expulsão podem ser, e em grande parte foram, de ordem econômica: o difícil acesso à terra nas regiões da Europa; a circunstância de algumas destas terras estarem se tornando já pouco produtivas, pela grande exploração, e, como terceiro fator, o número de membros de cada família que precisavam ser mantidos. Esses três fatores, se aliados, e vistos em conjunto, nos revelam uma situação preocupante, e em constante agravamento. Por outro lado, Klein relaciona alguns dos fatores que atraíram estes imigrantes. Na América havia terra abundante, principalmente no interior dos continentes.²³ A mão-de-obra era escassa,²⁴ haja vista o fim do tráfico de escravos africanos que deixou de abastecer o “Novo Mundo”, em contrapartida com a necessidade de continuar a produção. E, por último, as fronteiras estavam abertas à imigração, numa tentativa desenfreada de trazer para cá o maior número de imigrantes possível. Aliado a tudo isto, podemos observar, segundo

²² KLEIN, 1999.

²³ KLEIN, 1999. p. 24.

²⁴ Boris Fausto afirma que a grande demanda de força de trabalho para as lavouras de café, após o ano de 1880, provocou uma grande concentração de imigrantes. FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1998. p. 275.

Boris Fausto, que vários países, e até mesmo o próprio Brasil, em diferentes momentos criaram políticas imigrantistas, para incentivar ou restringir a imigração.²⁵ Fausto, sobre os italianos, relata o seguinte: “A pobreza dessa gente se revela, entre outros dados, pelo fato de que os subsídios oferecidos pelo governo paulista representaram uma forte atração”.²⁶ Há, então, uma espécie de aliança entre os interesses dos governos destes países e as necessidades reais destes imigrantes.

Com todas estas facilidades, informações referentes à disponibilidade de empregos circulavam rapidamente de um continente para outro. Em poucas semanas, era possível saber onde havia maior necessidade de mão-de-obra na América. Klein ainda acentua que com o grande número de viagens marítimas, há também a garantia de um contato constante e rápido com todas as regiões americanas.

Houve um aumento tão grande no número de viagens marítimas que, a partir, de 1880, do porto de Santos, litoral de São Paulo, partiam, por semana, vários navios com destino às principais cidades portuárias da Europa e da América. Nestes navios, havia grande capacidade de transporte de pessoas. Alguns podiam transportar, na terceira classe, centenas, e até milhares de imigrantes. Também houve grande preocupação com a divulgação de condições favoráveis para o recebimento de imigrantes nos estados do sul do Brasil. Em Santa Catarina, encontramos destaque para o Porto da Cidade de São Francisco, na baía da Babitonga, conforme revela

²⁵ Como exemplo desta coibição com relação à migração, podemos citar um caso relacionado ao governo italiano, por Boris Fausto. Devido às más condições dos recém-chegados ao Brasil, o governo italiano tratou de intervir no sistema de recrutamento de imigrantes ainda em solo italiano, entre os anos de 1889 e 1891. A partir de 1902, através do Decreto de Prinetti, a imigração subsidiada para o Brasil estava proibida. A partir daí os possíveis migrantes não mais poderiam obter facilidades e teriam que arcar com todo o custo das viagens. Ver FAUSTO, 1998, p. 279.

²⁶ FAUSTO, 1998, p. 279.

o *Annuário de Santa Catharina* de 1900.²⁷ O Annuário faz referência às facilidades do Porto em São Francisco e a sua condição, que propiciava o recebimento de navios de grande porte, como os transatlânticos. É importante lembrar que foi neste porto que desembarcaram, um ano depois, em 1901, a 10 de junho, conforme relata Santos,²⁸ os imigrantes que estão sendo estudados neste artigo.

Muitos imigrantes letões saíram da Europa com destino à América, portando passaporte alemão. Dzidra Graudin relata que seu pai, Pedro Graudin, quando emigrou para a América, fugiu da Letônia para a Alemanha e ali se registrou, fazendo o passaporte, e veio para o Brasil como alemão, embora não o fosse. Desta forma, Pedro Graudin, como tantos outros imigrantes letões, beneficiou-se da política imigrantista.²⁹ Um maior fluxo de imigrados letões deu-se, então, a partir de 1870, pelos motivos já relacionados.

A imigração leta não foi muito expressiva se levarmos em consideração os dados oficiais, porém sabemos que é possível haver letões entre os números relativos a outras nacionalidades, como os Alemães e os Russos, por exemplo. Nas memórias relatadas por Dzidra Graudin, por diversas vezes é mencionada a Rússia como o país de onde seu pai e tantos outros imigrantes vieram, haja vista a situação política da Letônia neste momento:

Meus pais chegaram aqui de navio, em 1900. Meu pai... nasceu na “IELDA”, e trabalhou em “RIGA”, a capital da Letônia. Os meus pais viveram na Rússia, na parte de “NOVGOROD”, e tinha uma linha de trem que passava em Moscou, Novgorod, Riga, Polônia, Varsóvia, e ia para a Alemanha, e tem hoje ainda, que vai para os portos. Muita facilidade. Então muitos letões tiveram o nome no registro lá.³⁰

²⁷ LEITE, Marques. *Annuário de Santa Catharina*. São Paulo: [s.n.], 1900. p 10-13.

²⁸ SANTOS, 1996.

²⁹ GRAUDIN, Dzidra. *Letões em Santa Catarina*: de perseguidos em nome da fé a imigrantes. Guarimirim. Jun. 2001. Coleta de dados sobre a vida do Pastor Pedro Graudin. Entrevista concedida a Marcos A. Tedesco.

³⁰ GRAUDIN, 2001.

Pela narrativa desta senhora podemos perceber a fluência que os letões, assim como pessoas de outras nacionalidades, tinham naquela região. Este fato proporcionou o registro de diversos imigrantes nos locais que melhores condições propunham à emigração para as regiões da América.

No final do século XIX e primeira década do século XX, segundo Ronis, observa-se a frequente vinda de letões para o Sul do Brasil, muitos deles estabelecendo-se em Santa Catarina. Em seu livro, Ronis relata que, em 1898, veio da Letônia um pastor batista, João Inkis, para visitar e prestar assistência às colônias e igrejas letas no Brasil. A partir de 1893 desenvolveram-se, entre as cidades de Blumenau e Joinville, seis colônias de imigrantes letões, em sua maioria batistas. São elas: Alto Guarani, também conhecida como Massaranduba, Jacú-Açu, Linha Telegráfica, Bruedertal, Ponta Comprida e Zimmermann. Destas, a mais antiga é a de Massaranduba, data-da de 1893 iniciada com a vinda de cinco famílias de imigrantes que chegaram pelo Porto de São Francisco. Esta colônia, em Santa Catarina, era a quinta leta do Brasil, pois já havia letões em São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Dois anos depois, vieram para esta colônia mais treze famílias de imigrantes letões saídas de Novgorod, e o ano de 1900 é marcado pela chegada de importantes pastores batistas que estavam em fuga da Rússia: entre eles Anss Araiium, Jacob Inkis e Pedro Graudin.³¹

Os jornais *Jornal do Vale*³² e *Correio do Povo*³³ informam que no mês de junho de 2001 comemorou-se o centenário da chegada ao Estado de Santa Catarina da última leva de famílias letas-russas para a região de Jacú-Açu que compreendiam setenta famílias. Até o ano de 1901 vieram para aquela região, segundo os dois jornais, 400 famílias de imigrantes da Letônia e da Rússia.

³¹ RONIS, Osvaldo. **Uma epopéia de fé**: história dos batistas letões no Brasil. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1974.

³² **JORNAL DO VALE** - Guaramirim, Ano XV, n. 653, 14 a 20 de jun. de 2001.

³³ **CORREIO DO POVO** - Jaraguá do Sul, Ano 83, n. 4446, 9 de jun. de 2001.

Mesmo não sendo um grupo tão expressivo quanto os italianos e alemães, se olharmos pelo viés quantitativo, os letões estão presentes no Estado de Santa Catarina e, sendo assim, relacionaram-se de diversas formas com outros grupos. Estas relações serão então abordadas com a ajuda das memórias da filha de um destes imigrantes, Dzidra Graudin.

2 MEMÓRIAS

“E então o pensamento ia longe!”

(Dzidra Graudin)³⁴

Para a narrativa de algumas experiências de letões e descendentes de letões em Santa Catarina, acompanharemos fragmentos dos relatos de Dzidra Graudin. Uma senhora hoje com 90 anos, que encontrei na cidade de Guaramirim, sede de município, no norte do Estado de Santa Catarina. Dzidra é filha de imigrantes que chegaram à América no início do século passado bojo das “Grandes Migrações”. A família de Dzidra instalou-se na colônia de Jacú-açu no ano de 1901. Esta colônia, desde 1898, recebia várias famílias de imigrantes da Letônia que desembarcavam no Porto da cidade de São Francisco. Assim, logo que aportaram, relacionaram-se com várias pessoas, algumas da mesma origem que os letões, outras, de diferentes lugares da Europa, e também pessoas que aqui já estavam. São algumas destas experiências, narradas por Dzidra, que vem resignificadas, porém vivas, de suas lembranças.

Ouvir o relato de memórias não é tarefa fácil. Aqueles que lembram trazem à tona relatos de experiências vividas, porém sabemos que o discurso do que passou é uma construção e, como construção, pode ser mol-

³⁴ GRAUDIN, Dzidra. **Letões em Santa Catarina:** de perseguidos em nome da fé a imigrantes. Guaramirim. Jan. 2000. Coleta de dados sobre a vida do Pastor Pedro Graudin. Entrevista concedida a Marcos A. Tedesco.

dado conscientemente, ou não, pelo depoente. Então cabe ao historiador, com olhar crítico, observar e, com o auxílio de fontes históricas escritas, entender as lembranças que preenchem a memória dos depoentes. Lembranças que, segundo Bosi, são diamantes brutos que precisam ser lapidados pelo espírito. Afirmo Bosi que estas lembranças ficaram na mente dos depoentes por que significam algo. *Fica o que significa*.³⁵ Então, a pergunta: o que significam as memórias de Dzidra Graudin para ela e as pessoas que viveram aqueles momentos?

Antes de darmos ouvidos às memórias de Dzidra Graudin, é preciso lembrar que “os lapsos, esquecimentos, não-ditos, silêncios, esforços de ocultação são também objetos da história”³⁶ e, sendo assim, devem ser apreciados. Não necessariamente o silêncio será evidência de esquecimento, pois muitas de suas lembranças são repelidas pelas pessoas que as viveram por vários motivos.

Neste momento, farei menção às palavras de Dzidra atribuídas a seu pai, Pedro Graudin: *“Voltar para lá nunca mais. Não quero nem pensar em Rússia!”*.

Durante anos, Dzidra pode conviver com os imigrantes letões nas primeiras décadas da chegada deles ao Brasil. Embora nascida alguns anos após a chegada de sua família à Santa Catarina, em 1911, ela pode, além de conviver com estas pessoas, ouvir as experiências por estes vividas ainda na Europa, durante a vinda para o Brasil e os primeiros anos na Colônia de Jacú-açu. Os filhos de Pedro Graudin podiam ouvir as experiências do pai não só no trabalho agrícola, mas também nas reuniões religiosas, realizadas na Igreja Batista, e nos encon-

³⁵ BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994. p. 66.

³⁶ FRANK, Robert. Questões para as Fontes do Presente. In: CHAUVEAU, A. TÉTARD (Org.). **Questões para a história do presente**. São Paulo: EDUSC, 1999. p. 113.

tros noturnos quando, após um fatigante dia de trabalho, Pedro conversava com os seus e juntos cantavam várias músicas. Algumas destas músicas eram canções tradicionais da Letônia que foram trazidas e guardadas nas memórias dos imigrantes saudosos de sua terra. Dzidra, por ocasião da entrevista, cantou uma destas canções, que dizia mais ou menos assim: “*Em cima do morrinho tinha uma arvorezinha. Uma arvorezinha cheia de frutinhas...*” Com estas canções, afirma Dzidra, “*o meu pensamento ia longe!*”³⁷ Foram inúmeras as noites onde se realizaram reuniões como estas. Onde a família cansada poderia relembrar não só episódios que aconteceram naquele mesmo dia ou semana, mas também as experiências e lembranças trazidas da Europa:

A gente chegava a noite e o pai “Vamos Cantar!” “Ah, não, papai!” Já é noite!”” Não, não, eu quero uma coisa bem alegre, vamos cantar!” E gente cantava! E depois conversava... Todo dia tinha culto doméstico e na mesa também tinham orações... Os cultos em casa, no começo, era só com a família, depois começou a vir pessoas da Igreja Batista.³⁸

Foi através de encontros como estes e conversas com sua mãe que Dzidra tomou conhecimento das histórias que precederam a vinda de sua família para o Brasil. Histórias que se passaram sob o domínio czarista que, como já foi abordado no primeiro capítulo deste estudo, tinha como uma de suas metas impor-se sobre os países dominados, aniquilando sua cultura. Dzidra então começou a contar-me como haviam sido os primeiros anos vividos por seu pai, Pedro Graudin, em terras europeias.

O ano do nascimento eu não me lembro muito bem, foi... 1875, 77. Ele nasceu no dia 25 de dezembro. Quando chegou aqui tinha uns 25 anos (em 1901). Ele perdeu os seus pais muito cedo, então foi criado por um pastor da Igreja Metodista. Este pastor era muito... espiritualoso, e foi ele que mostrou os caminhos para o meu pai. Da

³⁷ GRAUDIN, 2000.

³⁸ GRAUDIN, 2001.

infância eu não posso dizer muita coisa... pois ele não falava muito sobre isto. Depois ele passou a ser pastor da Igreja Batista lá. Eu não sei bem como é que ele fez esta troca.³⁹

Estes foram os primeiros anos de Pedro Graudin, um garoto que cresceu sob a educação de um religioso, e que mais tarde veio a tornar-se pastor. É importante notar que o primeiro quarto de século vivido por Pedro Graudin na Letônia foi sob o domínio russo e coincidiu com a subida ao poder dos dois últimos czares russos: Alexandre III, a partir de 1881, e Nicolau II, após o ano de 1894, que tinham, como já foi visto, as pretensões de impor a todo o Império Russo uma mesma língua e uma mesma religião, o russo e o ortodoxismo, respectivamente.

Esta perseguição, empreendida pelas forças czaristas contra as minorias religiosas da Rússia, e países por ela dominados, resultou em muitas atrocidades, que iam desde prisões e torturas até o envio para campos de concentração na Sibéria. Dzidra Graudin, em suas memórias, pode relembrar algumas histórias contadas por seu pai quando se reuniam a noite. Uma destas histórias foi assim narrada por ela:

Ele era muito dedicado e muito crente lá na Europa. Ele foi perseguido. Estava sendo visado pelos guardas lá, e para a morte. Ele foi preso umas quatro vezes. Eles faziam os batismos lá na Europa, Novgorod, Riga,... Eles faziam os batismos no inverno, de noite, durante a madrugada. E havia pessoas escondidas que entregavam eles e depois iam lá e o prendiam. Eles o botavam na cadeia, e lá faziam ele encerrar o chão, aquela parte do delegado e toda a delegacia. E então penduravam o crucifixo, mas o meu pai não pendurava o crucifixo no peito, ele jogava nas costas. Ele apanhava muito por que eles diziam que não podia jogar o crucifixo nas costas, tinha que usar no peito, e ele dizia que não...⁴⁰

Podemos ver como este letão, assim como provavelmente tantos outros, criaram mecanismos de resistência à realidade que lhes era imposta pelo Império Russo. Tanto o fato de insistirem em realizar os batismos, a

³⁹ GRAUDIN, 2001.

⁴⁰ GRAUDIN, 2001.

noite, para não serem descobertos, ou, depois de preso, não usar o crucifixo no peito, revelam alguns destas formas de resistência.⁴¹

Após tantas vezes preso, e ante o temor de ser levado aos campos da Sibéria, Pedro Graudin atentou para as oportunidades que surgiam com o discurso da política imigrantista. Desta forma, juntamente com outros letões, Pedro Graudin chegou às praias catarinenses.

Também após a queda do regime czarista na Rússia e ascensão do socialismo, fugas semelhantes continuaram ocorrendo, como relata Erica Martins Flesch, uma imigrante teuto-russa que veio para Santa Catarina na década de trinta, em fuga da Rússia. Assim ela relata sua experiência:

Um grupo grande de pessoas tentou sair, mas não conseguiu. Eles conseguiram sair num grupo de 352 pessoas, a maioria menonitas. Em novembro de 1929 milhares de pessoas se juntaram às portas de Moscou tentando obter o visto de saída. Com muito custo os meus pais conseguiram. Então graças às amizades que o meu pai tinha na Alemanha e com as autoridades de lá, as portas se abriram para os meus pais. Eles foram colocados num navio, como fugitivos, sem direito algum e, foram-lhes tirados o passaporte e todos os documentos pessoais, tudo. Embarcaram somente com a roupa do corpo... E eles passaram por uma situação muito penosa, muito difícil. Quem não conseguiu ir com aquela leva foi mandado de volta para a Sibéria. Meus pais conseguiram ser embarcados... Então, eles foram deixados nus para saber se tinha alguma coisa na boca, nos dentes... As pessoas daqui não sabem disso. Quem não passou não imagina.⁴²

Assim como aconteceu com Pedro Graudin e Erica Martins Flesch, embora em momentos diferentes, esta história deve ter-se repetido muitas vezes no contexto das imigrações da Europa para a América e outros lugares.

⁴¹ Em algumas Igrejas protestantes o uso de imagens não é aceito. Especificamente na Igreja Batista, a imagem da cruz significa a adoração a um Cristo morto, daí a negação do seu uso.

⁴² FLESCHE, Erica Martins. Entrevista realizada por Cristina Ferreira. In: **Blumenau em cadernos** – Tomo XLII – n. 1/2. Blumenau: Ed. Fundação Cultural de Blumenau, 2001. p 55.

Dos momentos passados a bordo do navio que fez a travessia do oceano, e que o trouxe a Santa Catarina, Dzidra guardou memórias marcantes que frequentemente eram repetidas nas histórias contadas por Pedro Graudin. Foi nesta viagem que Pedro Graudin noivou com Lina, na época com 15 anos, sob as bênçãos de seus futuros sogros. Conta Dzidra Graudin:

Em cada domingo o meu pai ia fazer o culto em uma igreja diferente, por que eram várias localidades. ...Pois é, então quando o meu pai foi pregar o evangelho em uma igreja, ele olhou aquela mocinha. Ele olhou bem e pensou assim: “meu Deus essa menina eu queria para o casamento, quando ela crescer vai ser minha namorada!...” Mas ela só tinha quatorze anos. Mas um domingo de repente o meu avô, o Ernesto, disse para ele: “Irmão Pedro, não quer ir hoje na minha casa?” “Oh, se quero!” Foi ela quem serviu a mesa... E ele preocupado olhando com o rabo dos olhos com medo do sogro... O Ernesto disse que estava assustado. Disse que na Rússia estava querendo começar alguma coisa ruim. “A gente está preocupado, está na hora de tomar precaução e pensar o que é que vamos fazer”. Ai passou toda a conversa e ele pensou: “Será que eles estão querendo ir embora?”... Logo no outro domingo ele voltou para aquela igreja onde estava o Ernesto. E lá este irmão dirigiu-se para ele e disse: “Ô irmão, já estamos de passagem compradas, estamos indo embora para o Brasil” “Há, eu também tinha vontade de ir!” ...No dia então ele embarcou junto com a turma, o felizardo foi junto com a família que ele tanto queria. Ai no navio, eles vinham juntos, por que ele não tinha ninguém. Na família do Ernesto, logo ele, que também tinha se criado sozinho porque toda a sua família tinha morrido na peste negra, preta, não sei. Bom agora ele e a Lina estavam juntos no navio. Então ele foi lá e já falou com o sogro. Então vamos fazer o noivado! Ela gosta também dele, gosta. Foi no navio o noivado, deu tudo certo. Então vieram juntos. Então quando chegaram no Brasil, no primeiro domingo foram na igreja e lá já casaram. Não tinha igreja, era apenas um salão em Jacú-Açu. Desta vez eram mais ou menos umas 35 famílias, ou 40 famílias.⁴³

⁴³ GRAUDIN, 2001.

Após a chegada desta leva de imigrantes letões para o Estado de Santa Catarina, e seu desembarque no Porto de São Francisco, eles foram instalados primeiramente em um barracão, pelo serviço de imigração, até que pudessem se dirigir às terras a eles destinadas. A estadia nestes barracões poderia se prolongar por vários dias, porém, no caso destes imigrantes, segundo os relatos de Dzidra Graudin, este período foi curto, pois logo se dirigiram para as terras em Jacú-Açu (Bananal, entre Joinville e Jaraguá do Sul), hoje Guaramirim.

Primeiramente eles vieram para um barracão, e ali ficaram só uns dois dias até que viram os terrenos... Já o casamento foi simples. Quando passaram pela Alemanha, compraram o vestido. Ela ainda tinha, mostrou para nós. Vestido de noiva, branco longo, bem rodado. Ela foi andando no meio do mato com aquele vestido segurando para não engatar nas árvores. Ela disse assim: “só Deus sabe o que é que nós passamos!” Um presbítero os casou, por que pastor não tinha, o meu pai é que foi consagrado pastor depois. Não teve festa nada, simplesmente foram para casa casados. E então foram morar numa casinha de ripa de palmito. Naquela casa, a cama era de quatro estacas, mais ripas por cima e depois colocavam um saco de palha de milho e aquilo era o colchão. Tiveram os quatro filhos lá, foram mais ou menos uns dez anos. Eu não nasci nessa casinha. Já era a casa grande, nasci na cozinha de madeira da casa grande. Depois nós já tivemos uma casa maior, com uma grande mesa, uma mesa que dava para dez pessoas, o meu pai é quem fez a mesa, grande e bonita, e ele sentava na ponta, ele era o pastor da casa, o dirigente, e o lugar dele ele nunca perdeu...⁴⁴

Os primeiros anos foram contemplados com muitas dificuldades que iam desde o percurso entre os barracões e o lugar de destino, até a instalação nas casas dos imigrantes. Outro relato neste sentido foi encontrado nos escritos deixados por Karl Kleine, que narra os primeiros anos de sua família em Santa Catarina, no Vale do Itajaí. Embora não seja letão, Kleine nos dá uma perfeita ideia do que os imigrantes tiveram de enfrentar em terras catarinenses:

⁴⁴ GRAUDIN, 2001.

A nossa casa era um modesto barraco de palmito como todos os outros, porém, meu pai mandou tapar as paredes externas com barro, mas a cozinha era revestida apenas com sarrafos... Contudo, isto não transcorreu tão rapidamente como estou escrevendo agora, mas, muitas semanas decorreram antes que meus pais pudessem mudar-se para a sua casa na nova pátria... Enquanto isso, tivemos que suportar todo o sofrimento no rancho dos emigrantes... a isso somavam as preocupações diárias com o sustento, pois cada tostão do pouco dinheiro que lhes restava, precisava ser bem dividido... Quando mamãe viu nosso barraco de palmito sem assoalho, sem teto, sem portas e janelas, rodeado por troncos, tocos de árvores e raízes espessas, distante cem passos da mata virgem, precisou afastar-se para ocultar as lágrimas... Tudo foi superado, porém, ainda hoje em dia, ao lembrar-se do passado, seus olhos cansados e sinceros enchem-se de lágrimas e o seu coração generoso fica muito, muito triste! Este país distante certamente é bom, mas, jamais será a sua pátria...⁴⁵

Também tiveram de enfrentar as diferenças climáticas e por fim, a adaptação alimentar. O sul do Brasil é uma região úmida, diferente da Letônia, com terras mais secas. Tudo isto interferiu na diversidade de produtos que poderiam ser cultivados nestas terras. Aquilo que era cultivado pelos letões na Europa não poderia mais ser aplicado no Brasil. Frente a estas novas exigências, muitos letões pagaram preços altos pela adaptação. Muitas crianças pequenas vieram a morrer neste período, segundo afirma Dzidra.

Outro momento lembrado por Dzidra Graudin foi também relacionado com este período de adaptação e superação das dificuldades:

Um dia a minha mãe disse que ela já estava grávida e ela não ia mais para a roça por que ela não dava conta, e ela estava deitada na cama e disse “que vontade de tomar uma sopinha de carne”. Não tinha nada de carne para comer. E ela estava deitada na cama e eles estavam todos trabalhando. E ela dizia “Meu Deus, que vontade de tomar uma sopinha! Uma batatinha dentro da sopinha. Não tem nada de carne, só aquela sopa de água e sal”. De repente um grande

⁴⁵ KLEINE, Karl. (Trad.: KRETZSCHMAR, Brigitte.) O primeiro plantio e a construção da casa. In: **Blumenau em Cadernos**. Tomo: XLII. n. 3/4. Blumenau: Ed. Fundação Cultural de Blumenau, 2001. p. 7.

barulho lá fora, era passarinho gritando e batendo asas, e aí ela levantou com custo, foi na janela olhar, é mesmo um gavião segurando um pássaro bonito que nem uma galinha. O gavião segurando e apertando e o pássaro gritando também. Ela correu ligeiro lá fora, pegou um pau e deu uma paulada no gavião. Aí chegou o meu pai correndo: “Aí que bom! Vamos limpar o passarinho para fazer uma sopinha”. E a mãe: “Parece que eu voltei para a Rússia outra vez! Como é gostosa a sopinha de carne”. Assim foi o começo.⁴⁶

Essas dificuldades dos imigrantes com relação à adaptação e alimentação aparecem nas cartas de imigrantes, publicadas (traduzidas) na revista *Blumenau em Cadernos*, com detalhes que se parecem com a luta da família Graudin.⁴⁷

Com relação ao trabalho e à produção dos bens de consumo, os letões produziam quase tudo o que consumiam, desde gêneros alimentícios até roupas e ferramentas. Embora as famílias não fossem numerosas, como as famílias italianas, por exemplo, todos eram envolvidos no trabalho doméstico ou na lavoura e criação de animais, inclusive as crianças maiores:

Primeiro eles trabalhavam com o milho. Mas em terra de água o milho não cresce. Não tinha como entrar dinheiro. Galinha não bota ovos se não der o milho. Criavam um pouco de carneiros, e os porcos ficavam magros. Começou a melhorar quando eu já era um pouco maior. As vacas trouxeram a pé lá de São Paulo. No meu tempo já era tudo bem melhor. Tinha dificuldades ainda. Tudo era feito em casa, ou plantado em casa. Eles também fizeram umas máquinas de tricotar e faziam algumas roupas. O meu pai fez uma. As crianças tinham que ajudar também. Os meninos não podiam ir todos os dias para a escola porque alguns dias da semana eles tinham que capinar. Com dez anos eu ia à escola de manhã e à tarde eu ficava em casa cuidando de algumas crianças. Quando deixei de cuidar dessas crianças eu fui para a roça. E daí nós trazíamos tudo para casa nas costas.⁴⁸

⁴⁶ GRAUDIN, 2001.

⁴⁷ Diversas Revistas *Blumenau em Cadernos* reproduzem essas cartas. Em maio de 1998, n. 5, estão as cartas de Hermann Blumenau, em jan./fev. de 2001, n. 1/2, aparecem crônicas na mesma direção.

⁴⁸ Blumenau em Cadernos. 1998.

É interessante observar como os imigrantes, segundo Seyferth, trouxeram consigo uma “diversificação e intensificação da atividade artesanal, que se desenvolveu nos povoados”.⁴⁹ Cabe notar que Pedro Graudin, como afirma sua filha, assim como provavelmente outros imigrantes, produzia em sua casa grande parte do que seria consumido. Inclusive, na narrativa, é citada a construção de uma máquina de tecer pelo imigrante.

O imigrante, que neste momento passa a ser conhecido como colono, tem a preocupação de *produzir tudo o quanto fosse possível e comprar o menos possível*.⁵⁰ Isto se torna compreensível se levarmos em conta o elevado preço de produtos comprados por serem em sua maioria importados. O imigrante, conseguindo produzir em suas terras estes produtos, desde gêneros alimentícios até ferramentas, roupas e móveis, trará para si e sua família um maior conforto.

Esta ideia de “trabalhador” vai, entre os imigrantes, criar um forte sentimento de identidade: o dogma do trabalho. *Os imigrantes são concebidos por si mesmo como pioneiros e civilizadores... que dignificaram o trabalho*⁵¹, onde somente o que havia era um país para “ser feito”, para ser construído e ser “civilizado”. Desta forma, formou-se a imagem de um brasileiro que não era dado ao trabalho; logo, a ideia de “trabalho” passou também a ser um fator que identificava estes imigrantes europeus em relação aos brasileiros.

Algo que ocorreu neste momento com a chegada de imigrantes europeus ao Brasil foi um choque cultural. Estes imigrantes foram, com o passar do tempo, identificando-se entre si nas contingentes faces de seu cotidiano. Analisando o discurso de Dzidra Graudin, podemos constatar que,

⁴⁹ SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: UNB, 1990. p. 38.

⁵⁰ COLOMBI, Luiz Vendelino. Blumenau: da economia de subsistência à industrialização (1850 – 1880). In: **Blumenau em Cadernos**. Tomo: XLII. n. 1/2. Blumenau: Ed. Fundação Cultural de Blumenau, 2001. p. 79.

⁵¹ SEYFERTH, 1990. p. 87.

auxiliados pela memória, estes letões foram construindo sua identidade em volta de sua religiosidade, de sua origem em comum, e de suas histórias de vida. Com relação à religiosidade, fazemos menção ao fato de que grande parte dos letões que vieram ao Brasil era pertencente à Igreja Batista, sendo na igreja o ponto onde as pessoas se encontravam e trocavam experiências. Também se identificavam quanto a um lugar de origem em comum: uma Letônia dominada pelo Império Russo. Isto aliado às histórias vividas por estes personagens em terras brasileiras viria a reforçar um sentimento de identidade étnica. Segundo Nodari, a construção desta fronteira somente pode ser concebida colocando um grupo em confrontação com o outro, ou seja, por contraste. A construção da identidade ocorre por que, conforme Nodari, as pessoas “têm uma necessidade essencial de pertencer, o que é satisfeito por grupos baseados na ancestralidade e nos traços culturais em comum”.⁵² Também é importante lembrar que, segundo Santos, “as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação”.⁵³

Na narrativa de Dzidra, as relações sociais não se davam sem tensões: brasileiros, alemães, italianos, letões conviviam com certo estranhamento, ou seja, “não se davam” uns com os outros. As identidades étnicas – etnicidade – implicam a organização de grupos dicotômicos, como afirma Poutignat: “Ela não pode ser concebida senão na fronteira do ‘Nós’, em contato ou confrontação, ou por contraste com Eles”.⁵⁴

⁵² NODARI, Eunice Sueli. **A renegociação da etnicidade no oeste de Santa Catarina (1917 – 1954)**. Porto Alegre: Tese de Doutorado/PUCRS, 1999. p. 156.

⁵³ SANTOS, Boaventura de Souza. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira**. Revista Crítica de Ciências Sociais. n. 28, 1993. p. 11.

⁵⁴ POUTIGNAT, Philippe. Teorias da Etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras. In: NODARI, Eunice Sueli. **A renegociação da etnicidade no oeste de Santa Catarina (1917 – 1954)**. Tese de Doutorado: PUCRS, 1999. p. 152.

Pode-se então afirmar que estas tensões se dão por que há o encontro de duas formas diferentes de vida entre si. O imigrante que chega com novos costumes, uma nova língua frente a alguém que aqui já está e que não se identifica nem com estes hábitos nem entende o idioma. Também podemos notar, na fala de Dzidra Graudin, o enfrentamento entre imigrantes de lugares diferentes da Europa. Eles possuíam origens que divergiam, costumes que não eram semelhantes e uma língua que não era compreendida pelo outro. Talvez seja isto que ela queira dizer ao afirmar que os letões não “se davam” com as outras pessoas. Assim, a identidade étnica era reforçada justamente sobre a diferença e o contraste.

Como se davam às relações entre pessoas do mesmo grupo? Seyferth afirma que muitas comunidades de imigrantes em Santa Catarina se organizaram sob a forma de “sociedade de capela”. Onde, como já citado, a igreja possuía um papel aglutinador dos fiéis.⁵⁵ Entre os letões, que em sua grande maioria eram pertencentes à Igreja Batista isto também pode ser observado. A vida social era regulada por conversas e rumores. As notícias, os eventos importantes e as informações importantes circulavam através de conversas nos lugares públicos como a venda e a igreja, por exemplo:

Hoje, se acontece alguma coisa lá nos Estados Unidos, em 15 minutos a gente está sabendo, naquele tempo não, era por boca! Na rua, na venda... “ó, domingo eles falaram que vai ter um culto lá, o Pedro Graudin, vai falar, vai pregar, vai ter um culto bonito” aí um saía e avisava lá para o fulano, o fulano já avisava lá na Ponta Comprida, e no fim todo mundo estava sabendo. No fim todo mundo vai, era carroça, a pé, bicicleta. Todo mundo ia, até longe.⁵⁶

Observando o que diz Baczko sobre o imaginário, vemos que entre os letões este imaginário era fortemente reforçado pela religiosidade que regulava toda a vida. Através da religiosidade, estes imigrantes puderam

⁵⁵ SEYFERTH, 1990.

⁵⁶ GRAUDIN, 2001.

construir sua identidade. Várias atitudes que deveriam, ou não, ser por eles tomadas, antes deveriam passar pelo crivo da religião. Neste contexto, podemos observar como isto influenciou, por exemplo, a construção da casa da família, que mais tarde serviria de casa de cultos:

Deus disse para ele: “Farei de ti uma grande família!” Ele pensou que era uma grande família que iria vir, netos, bisnetos... Então ele foi à igreja e começou a formar esta casa. Então a Igreja Batista fez tudo com mutirão e aos sábados eles vinham ajudar a fazer. Então eles vinham e cozinharam os tijolos num buraco que tinham lá, e serrava tudo a mão. Ele tinha a ideia de colocar todos morando junto então a casa precisava ser muito grande, 10 por 16. Mais ou menos. Mas a promessa de Jesus não era dessa família que ele queria formar, mas sim, outra família! Hoje nós estamos olhando o que Deus falou para ele, mas ele nunca descobriu o que é que era. Ele teve uma visão: “Eu vejo para aqueles lados uma grande claridade!”.⁵⁷

A organização da comunidade estava ligada às atividades religiosas. Neste momento a função social da igreja foi muito importante, pois possuía papel aglutinador das pessoas que se organizavam e ali se identificavam. Era ao redor da igreja que aconteciam os acordos, as compras, enfim movia-se à vida social.⁵⁸

Até 1909, Pedro Graudin era o pastor da Igreja Batista da sua comunidade. Porém, uma experiência vivida por ele mudou o rumo da sua história. Em certo dia, ele recebeu de forma inesperada os dons da glossolalia e de profetizar, porém sem saber o que eram esses dons. Todos ficaram confusos e curiosos com o fenômeno que era desconhecido e que ficou sem uma explicação clara até a década de 30 quando os primeiros pentecostais conheceram o pastor em Guaramirim.

A primeira reação dos membros da Igreja Batista foi a proibição da entrada do pastor nas dependências do templo. Durante muitos dias ele

⁵⁷ GRAUDIN, 2001.

⁵⁸ SEYFERTH. 1990.

assistiu e participou dos cultos do lado de fora olhando pela janela, situação que se estendeu por alguns meses.

Logo, o pastor começou a fazer cultos na sala da sua casa e aos poucos as pessoas começaram a procurar essas reuniões e a participar destas manifestações religiosas provocando uma grande divisão na Igreja Batista e quase o fechamento da mesma. Foram aproximadamente vinte e cinco anos de realização de cultos na casa onde Pedro Graudin morava.

No ano de 1931, o Graudin recebeu a visita do Pastor André Bernardino e mais dois outros irmãos. Eles ao realizarem os primeiros cultos da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Itajaí ficaram sabendo que muitas das manifestações espirituais vistas nessas reuniões já eram conhecidas no norte do Estado. Assim, eles foram de trem até a cidade de Guaramirim.

No dia da viagem, segundo Dzidra, o Pastor Pedro, enquanto orava, profetizou que naquele dia chegaria à cidade pessoas que iriam juntas com ele cultuar a Deus. Rapidamente ele se levantou e foi à estação ferroviária onde em poucas horas desembarcaram os pioneiros da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Santa Catarina.

Os relatos contam que ao chegarem à casa de Graudin, teve início um culto que durou quase três dias e, ao final desse período, os pioneiros voltaram a Itajaí maravilhados com o acontecido. Mais tarde, o Pastor André Bernardino casou-se com a filha de Pedro, Dzidra Graudin.

Um forte sentimento religioso, grande fator de identidade deste grupo, marcou toda a vida de Pedro Graudin. Segundo o relato de sua filha, Dzidra, foram motivos ligados à perseguição religiosa que o impulsionaram a vir para o Brasil. A religiosidade teve um papel muito importante em todas as tomadas de decisão em sua vida. Este sentimento pode, inclusive, ser notado nos últimos dias de vida de Pedro Graudin, em 1935:

Inclusive ele sabia que ele ia morrer! Uma irmã profetizou para ele, assim como ele sabia que viria para o Brasil, ele sabia que iria morrer! “Meu servo, te despedes que eu venho te buscar agora!” É! Foi uma noite que a gente estava orando. E olha só: Ela falou

em português e ele entendeu. E ele disse em Letão: “Graças te dou Jesus que tu revelas-te isto para mim! Eu te agradeço por que tu estas me dispensando, pois eu estou me sentindo cansado”. Ele estava cansado fisicamente. Ele já era idoso, uns 60 anos. Ele ainda era novo, mas estava cansado da fadiga da vida, daquelas coisas na Europa, e tudo mais. Quatro dias depois da profecia ele morreu! Foi o seguinte: três dias depois da profecia chegou uma pessoa lá dizendo que tinha alguém enfermo. E ele foi. Mas até que ele chegou lá, foi lá e orou por esta pessoa e voltou, já era amanhecido, e era inverno frio, 22 de junho, dia de inverno tremendo. Frio e chuva de inverno. E ele chegou todo molhado. 1935! Ele foi enterrado no cemitério da Igreja Batista.⁵⁹

A crença movia estas famílias de imigrantes. A crença destes imigrantes e o forte apego à religiosidade estiveram presentes em todos os seus momentos de vida, o que tornou a sua fé em um importante capítulo de sua história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acompanhar Dzidra Graudin relatar suas memórias é poder vislumbrar experiências que nos ajudam a compreender melhor quem somos. São memórias! Nós somos aquilo que lembramos. E são nossas memórias que nos dão o sentido da vida e a força para continuar caminhando.

⁵⁹ GRAUDIN, 2001.